



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.



No variegado panorama de investigações sobre azulejaria a que dedicou a sua vida, Santos Simões entendeu reservar um lugar para o estudo da presença da heráldica nos azulejos.¹ Ao proceder deste modo, abria um campo inovador, até então praticamente intocado por historiadores da arte e heraldistas. A escassez de

estudos sobre azulejaria armoriada pode parecer espantosa à primeira vista, dada a relativa abundância da decoração heráldica em azulejos. Mas, como já foi por várias vezes assinalado², as relações entre Heráldica e História (ou História da Arte) têm sido marcadas por certo alheamento mútuo, cujas causas tentaremos averiguar de seguida.

¹ Este texto foi apresentado parcialmente pelo autor no *Colóquio DigiTile e Robbiana: projetos de investigação e disseminação em Azulejaria e Cerâmica*, na Fundação Calouste Gulbenkian, dias 18 e 19 de Abril de 2013. Todas as imagens publicadas neste texto pertencem à Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian / Coleção Santos Simões. Miguel Metelo de Seixas é investigador do Instituto de Estudos Medievais e do Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar, ambos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; bolseiro de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia; e professor auxiliar da Universidade Lusíada de Lisboa.

² Cfr. SEIXAS, Miguel Metelo de – O uso da heráldica no interior da casa senhorial portuguesa de Antigo Regime: propostas de sistematização e entendimento. In MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho (coord.) – *A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro (séculos XVII, XVIII e XIX). Anatomia dos interiores*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa / Fundação Ricardo Espírito Santo Silva / Fundação Casa de Rui Barbosa, no prelo.



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

O afastamento ainda vigente entre o conhecimento histórico e o conhecimento heráldico radica na peculiar construção deste último saber, desde finais da Idade Média e ao longo de toda a Idade Moderna, em íntima – para não dizer intrínseca – ligação com o conceito de nobreza e com os estudos genealógicos e nobiliárquicos³. Confinando-se voluntariamente a uma linguagem e uma gramática específicas (razoavelmente impenetráveis para o leigo), o saber heráldico assumiu a forma de ciência da armaria ou do brasão, de teor claramente técnico, normativo e a-histórico. Tal saber manteve porém – é importante ressaltá-lo – relações fluidas, por vezes lassas, com a realidade heráldica: esta continuou a constituir-se como fenómeno social e cultural muito mais diversificado do que as obras teóricas queriam fazer crer.

As obras heráldicas dividiram-se em duas grandes tipologias: por um lado, os tratados de armaria, que compreendiam geralmente uma história (em parte real, em parte imaginária) da heráldica e a enumeração das regras de composição, de uso, de descrição e de transmissão das armas; por outro, os armoriais, ou seja, descrições ou representações de conjuntos de armas reais e imaginárias⁴. Juntos, tratados e armoriais transmitiam uma imagem profundamente hierarquizada da sociedade, segundo uma ordem ideal provinda das definições de nobreza, de sociedade de corte, de hierarquia construída em redor da figura do rei. À medida que se verificava o processo de centralização do poder régio, de afirmação da nobreza segundo os modelos

³ Retomo aqui, com algumas alterações, as considerações traçadas em SEIXAS, Miguel Metelo de – A heráldica nos arquivos de família: formas de conservação e gestão da memória. In ROSA, Maria de Lurdes (org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XIX: que presente, que futuro?* Lisboa: Instituto de Estudos Medievais / Centro de História de Além-Mar / Caminhos Romanos, 2012, pp. 449-462.

⁴ Cfr. BOUDREAU, Claire – *Traité de blason et armoriaux: pédagogie et mémoire*. In HOLTZ, Louis, PASTOUREAU, Michel e LOYAU, Hélène (dir.) – *Les armoriaux médiévaux*. Paris: Le Léopard d'Or, 1997, pp. 383-393.



Miguel Metelo de SEIXAS, “«Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

pós-medievais (centrados na corte) e de cristalização das formações políticas e sociais típicas da Idade Moderna, o saber heráldico passou a gozar de uma extraordinária divulgação⁵. Tornou-se numa componente essencial da cultura de qualquer membro da elite aristocrática – ou de quem almejava vir a fazer parte dela; e parte integrante também do imaginário social, cultural, artístico e literário da Idade Moderna⁶.

No século XIX, tanto a heráldica como o saber heráldico sofreram profundas alterações⁷. Do ponto de vista da sua utilidade, a heráldica foi então confrontada com o declínio das duas instituições que a tinham instrumentalizado ao longo da Idade Moderna: a Coroa, que passou a desempenhar um papel cada vez menos significativo no equilíbrio político; e a nobreza tradicional e a própria estrutura linhagística, que perderam a sua importância política e social. Tanto a Coroa como as linhagens nobres deixaram de ser elementos estruturantes da sociedade. Daí também o desenvolvimento de diversos tipos de heráldica não-linhagística, alguns dos quais já existiam desde a Idade Média mas se encontravam ofuscados pelo predomínio nobiliárquico: dos Estados e das entidades supra-estatais, das comunidades cívicas, das associações desportivas (com os clubes de futebol à cabeça), das empresas comerciais; daí também a plena integração da heráldica na sociedade industrial, como elementos promotor de publicidade a determinados marcas e produtos (em sentido meramente estatístico, a nossa época é talvez a mais heráldica de todas). Daí, por fim, a heráldica literária e

⁵ SEIXAS, Miguel Metelo de – Qual pedra íman: a matéria heráldica na produção cultural do Antigo Regime. *Lusáda. Série de História*. II-7 (2010), pp. 357-413.

⁶ LOSKOUTOFF, Yvan – *L'armorial de Calliope. L'œuvre du Père Le Moyne S.J. (1602-1671) : littérature, héraldique, spiritualité*. Tübingen: Narr, 2000.

⁷ SEIXAS, Miguel Metelo de – A heráldica em Portugal no século XIX: sob o signo da renovação. *Análise Social*. 202 – XLVII (2012), pp. 56-91.



Miguel Metelo de SEIXAS, “«Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

artística: alguns movimentos apreciaram deveras as perspectivas abertas pela heráldica (com o romantismo à cabeça, claro, mas também o simbolismo e o surrealismo). Mantendo uma ilusória aparência de continuidade, a heráldica entrou por inteiro na sociedade burguesa, capitalista e de consumo de massa.

Também o saber heráldico foi atingido pelo furacão revolucionário oitocentista e começou a ultrapassar a dimensão técnica, normativa e a-histórica a que havia até então ficado confinado. Não que essa dimensão tivesse deixado de existir: ainda hoje se continuam a produzir manuais de heráldica e tratados de armaria ou armoriais em tudo semelhantes aos que foram coligidos ao longo dos séculos XV a XIX. Mas a heráldica passou a integrar igualmente o contexto historiográfico romântico e positivista característico deste último século, patente em dois tipos de obras:

- Compilação e estudo das fontes, elaboração de inventários: de cartas de armas (do Visconde de Sanches de Baena a Nuno Borrego), de armoriais (de Braamcamp Freire a Manuel Artur Norton), de selos (Marquês de Abrantes), de monumentos armoriados, para os quais existem inventários de âmbito local e regional, mas não nacional⁸.
- Obras de saber técnico, de exploração filológica das fontes, tendo em vista a obtenção do maior número possível de “dados fiáveis”: a heráldica constrói-se então como “ciência auxiliar da História”, ao mesmo título que a

⁸ Para todas estas referências, veja-se o ensaio bibliográfico patente em SEIXAS, Miguel Metelo de – Bibliografia de heráldica medieval portuguesa. In SEIXAS, Miguel Metelo de; ROSA, Maria de Lurdes (coord.) – *Estudos de Heráldica Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais (FCSH/UNL) / Centro Lusíada de Estudos Genealógicos e Heráldicos (ULL) / Caminhos Romanos, 2012, pp. 509-558.



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

esfragística, a epigrafia, a codicologia, a cronologia, a genealogia, a diplomática, a numismática etc.⁹

Na sua relação com a História, a heráldica passou então a ser amiúde usada como instrumento de identificação (de comanditários, destinatários, utilizadores, possesores) e de datação, fornecendo assim, na expressão de Michel Pastoureau, “un microcosme au service de l’historien” e “un état civil au service de l’archéologue”¹⁰. Não obstante tal utilidade, transparece uma posição habitual dos historiadores (e historiadores da arte) em relação à heráldica e aos heraldistas, feita de desconfiança, impaciência ou menosprezo para com um saber tido como antiquado e uma linguagem difícil e intimidatória (e porventura um pouco ridícula nestes tempos democráticos).



Os heraldistas, por sua vez, assumem, a maior parte das vezes, uma circunscrição voluntária aos aspectos técnicos, voltando-se para a produção de obras de pura erudição e marcando, assim, distanciamento em relação ao mundo universitário¹¹. Os heraldistas têm-

⁹ Cfr. SAVORELLI, Alessandro – L’araldica per la storia : una fonte ausiliaria? In PAOLI, Maria Pia (ed.). *Nel laboratorio della storia. Una guida alle fonti dell’età moderna*. Roma: Carocci editore, 2013, pp. 289-315.

¹⁰ PASTOUREAU, Michel – *Les Armoiries*. Turnhout: Brepols, 1998, pp. 66-70.

¹¹ Ao contrário do que sucedeu com a sigilografia, a paleografia, a numismática, a epigrafia e outros desses ramos da História que o século XIX classificou como “ciências auxiliares”, cfr. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – Working with medieval manuscripts and records: palaeography, diplomatics, codicology and sigillography. In MATTOSO, José, *et alii. The Historiography of Medieval Portugal (c. 1950-2010)*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011, pp. 45-65.



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

se mantido assim, de maneira geral, isolados nos redutos das suas associações e academias próprias.

Não obstante este divórcio (que em muitos casos se mantém actual), a heráldica beneficiou de uma renovação epistemológica a partir de meados do século XX, baseada no estudo do fenómeno heráldico enquanto forma de história cultural, das mentalidades, social, política, militar e da arte. Nessa renovação, a obra de Michel Pastoureau assumiu um papel fulcral, condensado no seu tratado de heráldica¹². Como indicou Faustino Menéndez Pidal, os emblemas heráldicos devem ser compreendidos como construções culturais destinada a determinados fins de afirmação social e política, inserida nos quadros mentais das sociedades que a geraram, acolheram ou perpetuaram¹³. Mas, antes de corresponderem a qualquer tipo de abstração, as armas preenchem sempre (e desde sempre) uma função primordial como emblemas visuais de identificação e, por conseguinte, funcionam como fenómeno comunicacional. As armas têm, assim, os seus emissores, os seus receptores, as suas formas, os seus materiais, as suas localizações, os seus significados tendencialmente variáveis, sobreponíveis, intercambiáveis. Essa é a sua essência. E como tal devem ser estudadas.

O que se afirmou acerca das relações genéricas entre Heráldica e História pode transplantar-se, *mutatis mutandi*, para o caso específico da História da Arte¹⁴. De uma forma geral, os historiadores da arte tendem a ver

¹² PASTOUREAU, Michel – *Traité d'Héraldique*. Paris: Bordas, 1979.

¹³ MENÉNDEZ PIDAL DE NAVASCUÉS, *Faustino - Los emblemas heráldicos. Una interpretación histórica*. Madrid: Real Academia de la Historia, 1993.

¹⁴ Cfr. PASTOUREAU, Michel – *L'art héraldique au Moyen Âge*. Paris : Seuil, 2009; GADO, Francesca Fumi Cambi – *Araldica e emblemativa nelle arti figurative e decorative: lineamenti di metodologia interdisciplinare*. In *L'identità genealogica e araldica. Fonti, metodologia, interdisciplinarità, prospettive*. Roma: Ministero per i Beni e le Attività Culturali / Ufficio Centrale per i Beni Archivistici, 2000, vol. I, pp 181-202; e SAVORELLI, Alessandro – *Piero della*



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

na Heráldica, na melhor das hipóteses, um instrumento de identificação e de datação, remetendo-a, assim, ao papel de “ciência auxiliar da História”, granjeado nos enclausuramentos disciplinares do século XIX. Mas a Heráldica pode ir muito além desse mero papel de fornecedora de dados auxiliares para a pesquisa histórico-artística, como ficou patente – para citar um exemplo concreto – no caso específico das relações entre património artístico e manifestações heráldicas do rei D. João II¹⁵.

Esta é, contudo, uma aproximação recente. Tradicionalmente, pelo menos desde o século XIX, a Heráldica tem sido reduzida ao seu papel de “ciência auxiliar” da História. Ainda assim, a análise dos emblemas heráldicos representados nos seus objetos de estudo provoca certo desconforto nos historiadores da arte. Sem dúvida, uma das causas para tal suspeição reside, como se disse acima, no carácter tecnicista e rebarbativo da “ciência da armaria” tal como era – e continua por vezes a ser – praticada pelos heraldistas, voluntariamente confinados à zona de segurança da sua “especialidade”.

Foi neste contexto científico, aparentemente nada propício, que Santos Simões concebeu o seu estudo da “Azulejaria Armoriada”. Iniciativa pioneira, portanto, uma vez que nunca havia sido até então concebido um projeto de

Francesca e l'ultima crociata. Araldica, storia e arte tra gotico e Rinascimento. Firenze: Le Lettere, 1999, especialmente o capítulo “Araldica, arte e storia”, pp. 5-27.

¹⁵ SEIXAS, Miguel Metelo de – As armas e a empresa do rei D. João II. Subsídios para o estudo da heráldica e da emblemática nas artes decorativas portuguesas. In MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho; CORREIA, Ana Paula (coord.) – *As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa. Imaginário e Viagem. Atas do 2.º Colóquio de Artes Decorativas. 1.º Simpósio Internacional*. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva / Centro Cultural e Científico de Macau / Escola Superior de Artes Decorativas, 2010, pp. 46-82; e SEIXAS, Miguel Metelo de – Art et héraldique au service de la représentation du pouvoir sous Jean II de Portugal (1481-1495). In SAVORELLI, Alessandro (coord.) – *L'Arme Segreta. Araldica e Storia dell'Arte nel Medioevo (secoli XIII-XV)*. Firenze-Pisa: Kunsthistorisches Institut in Florenz – Max-Planck Institut / Scuola Normale Superiore, no prelo.



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

levantamento e estudo da presença de emblemas heráldicos em azulejos. Tal situação contrastava aliás com o que se passava em relação à cerâmica armoriada, a respeito da qual existiam já diversas tentativas de inventariação e estudo, embora num intuito predominantemente identificativo das peças e não analítico do fenómeno¹⁶.

A discrepância entre o estudo da presença da heráldica na azulejaria e na cerâmica provinha provavelmente de factores comerciais, uma vez que a louça armoriada, sobretudo a porcelana de proveniência chinesa, constituía um bem altamente cotado no mercado português de antiguidades. Naturalmente, para efeitos de avaliação destas peças, a questão da identificação e datação revelava-se de importância crucial, o que explica a atenção que era e continua a ser deferida às armas nelas patentes; bem como, outrossim, a persistência e profusão de estudos de que tais objetos continuam a ser alvo¹⁷. Note-se que este direcionamento de interesse para as porcelanas

¹⁶ Além do estudo clássico de CASTRO E SOLLA, Conde de – *Cerâmica brasonada*. Lisboa: Museu Comercial, 1928-1930 (hoje em dia disponível em reedição *fac-simile* com notas de Luiz Ferros, Lisboa: J. A. Telles da Sylva, 1992); assinala-se também SOUZA, José de Campos e – *Loiça brasonada* (prefácio do Marquês de São Payo). Porto: Livraria Fernando Machado, 1962; José de Campos e Souza viria depois a completar o seu trabalho com outros dois artigos: A propósito de cerâmica armoriada. *Armas e Troféus*, II-V-2 (1976), pp. 109-131; Memórias sobre loiça brasonada. *Armas e Troféus*, IV-I-1 (1979), pp. 55-62.

¹⁷ Vejam-se, entre outros: CASTRO, Nuno – *A porcelana chinesa e os brasões do Império*. S/I: Civilização Editora, 1987; ALBUQUERQUE, Martim de – *A loiça brasonada portuguesa*. In GUEDES, Rui (org.) – *Companhia das Índias – Porcelanas*. Lisboa: Bertrand Editora, 1995, pp. 13-33; BRANCO, João Alarcão de Carvalho; ABREU, Jorge de Brito e – *Simbologia heráldica*. In ANTUNES, Mary Salgado Lobo (coord.) – *Porcelanas*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999, pp. 153-166; CASTRO, Nuno – *Porcelana chinesa e alguns brasões inéditos*. In GUEDES, Rui (org.) – *Companhia das Índias – Porcelanas*. Lisboa: Bertrand Editora, 1995, pp. 91-105; SEIXAS, Miguel Metelo de – *Heráldica Eclesiástica na Porcelana Oriental de Importação Portuguesa*. In SANTOS, A. Varela (Coord.) – *Portugal na Porcelana da China. 500 Anos de Comércio*. Lisboa: Artemágica, 2008, vol. II, pp. 415-480. Além destes, existem também obras de inventário de porcelana oriental com textos dispersos sobre heráldica, como os de Lourenço Correia de Matos em SANTOS, A. Varela (Coord.) – *Portugal na Porcelana da China. 500 Anos de Comércio*. Lisboa: Artemágica, 2007-2010, vol. I-IV; os de Miguel Metelo de Seixas em CALVÃO, João (coord.) – *Presença portuguesa na Ásia. Testemunhos. Memórias. Coleccionismo*. Lisboa: Fundação Oriente, 2008; e os de Maria



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

armoriadas por motivos de ordem comercial tanto quanto científica se verificou outrossim no caso das produções Della Robbia dotadas de carga heráldica, sobre as quais se têm produzido e dado à estampa numerosos estudos, incluindo catalogações gerais¹⁸.

Pelo contrário, os azulejos heráldicos têm uma presença escassa no circuito comercial, quer por serem mais raros que as peças de porcelana ou cerâmica, quer por se revelar impossível ou difícil a sua remoção dos locais onde se encontram usualmente aplicados. Por esses motivos, a azulejaria armoriada tem despertado muito menos a atenção de historiadores e heraldistas. Na verdade, entre os historiadores da arte portugueses, antes de Santos Simões ter urdido o seu projeto, apenas Nuno Catarino Cardoso havia traçado incipientes apontamentos sobre azulejos armoriados¹⁹; ao passo que entre heraldistas somente António Machado de Faria chamara a atenção para a importância da aplicação da heráldica às artes decorativas portuguesas, citando especificamente, mas sem aprofundá-lo, o caso dos azulejos²⁰. Note-se, aliás, que este artigo de Machado de Faria assume particular importância no âmbito dos estudos heráldicos portugueses, por apontar a necessidade de se estudar a heráldica nas suas relações com o património artístico com vista a uma fecunda compreensão de ambos os fenómenos²¹. É certo, ainda, que

de Lourdes Calvão Borges em MATOS, Maria Antónia Pinto de – *Cerâmica da China*. London: J. Welsh Books, 2011, vols. I-III.

¹⁸ Citem-se os casos cronologicamente extremos de MARQUAND, Allan – *Robbia heraldry*. Princeton: University Press, 1919, e DIONIGIO, R. – *Stemmi robbiani in Italia e nel mondo. Per un catalogo araldico, storico e artistico*. Firenze: Polistampa, 2014.

¹⁹ CARDOSO, Nuno Catharino – *Registos de azulejos e lápides brasonadas*. Lisboa: Arte Portuguesa, 1937.

²⁰ FARIA, António Machado de – A Heráldica na Decoração. In BARREIRA, João (dir.) – *Arte Portuguesa. As Artes Decorativas*. Lisboa: Edições Excelsior, s.d., pp. 5-18

²¹ Sendo certo que, antes de Machado de Faria, já o Marquês de São Payo havia evidenciado a importância de se considerar a heráldica na sua dimensão estética. Cfr. SÃO PAYO, Marquês de – A heráldica portuguesa. In *Primer Congreso de Genealogía y Heráldica*. Madrid



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

alguns azulejos armoriados foram estudados no âmbito de monografias sobre determinados monumentos, coleções ou espólios museológicos em que se encontravam inseridos; tratou-se sempre, porém, de estudos marginais – e por vezes incipientes no que se refere à análise heráldica. Deste modo, pode afirmar-se que, quando pensou no projeto de inventário da azulejaria armoriada, Santos Simões contava com pouco mais que um vazio bibliográfico.

Não obstante tal lacuna, este estudioso da azulejaria portuguesa beneficiava de um sólido ponto de partida heurístico, na medida em que podia aproveitar o trabalho sistemático de levantamento da azulejaria existente em Portugal e em alguns dos seus antigos territórios ultramarinos. Tal material dificilmente seria acessível a outrem, uma vez que resultava do investimento de uma vida a serviço do estudo da azulejaria portuguesa. A base heurística do projeto de azulejaria armoriada ficava deste modo assegurada à partida. Já no que respeita às questões metodológicas, a situação revelava-se diferente.

Santos Simões evidenciava plena consciência das potencialidades da heráldica para o estudo da azulejaria, como fica patente na introdução que escreveu para a *Azulejaria Armoriada* que nunca se chegou a publicar: “Dos documentos azulejares mais importantes, não apenas para o estudo da azulejaria, são os azulejos armoriados, ou seja, aqueles onde se encontravam braços de armas, vinculando a obra a quem a encomendou. Os azulejos armoriados têm assim um interesse múltiplo e à sua consideração deve dedicar-se a investigação especializada por forma a retirar-lhes a ligação artística e histórica que podem ministrar.”²² Santos Simões evidenciava assim

/ Barcelona / Buenos Aires: Compañia Ibero-Americana de Publicaciones, 1929, vol. I, pp. 121-140.

²² Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Azulejaria Armoriada: Introdução”, EMD001.153, fl. 1.



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

o entendimento dos dados fornecidos pela heráldica no que respeita à identificação e à datação das manifestações azulejares – o que corresponde à sua utilidade como “ciência auxiliar” da História, na esteira das compartimentações de raiz oitocentista, como se viu atrás. Mas pelos escritos dispersos pelo núcleo de “Azulejaria Armoriada” perpassa também a noção de que poderia ser interessante estudar a heráldica em si própria, de modo a retirar ilações gerais sobre a presença de armas neste tipo de manifestação patrimonial.

Colocava-se desde logo a seguinte pergunta: quem era representado nos azulejos armoriados? No âmbito desta indagação, Santos Simões foi arrolando exemplares com armas da Coroa, de famílias, de ordens religiosas, de câmaras municipais, revelando uma largueza de vistas bem contrária à habitual restrição dos estudos heráldicos à sua dimensão nobiliárquica. Mas, além desta pergunta básica, Santos Simões queria ir além, procurando estudar em que contexto surgiam as manifestações e como se enquadravam nas práticas socioculturais da sua época e do seu meio. Para tanto, o estudioso tinha consciência das suas limitações, na medida em que não era um especialista em heráldica.

Para obviar a tal óbice, Santos Simões tomou então uma decisão inédita no panorama dos estudos de história da arte em Portugal: recorreu a Jorge de Moser, reputado heraldista, para colmatar estas suas falhas. Moser era um erudito dedicado aos estudos genealógicos e heráldicos; embora tivesse publicado relativamente pouco, foi ao longo da vida compilando um vultuoso arquivo, que veio a ser depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa²³. Desta

²³ Cfr. *Inventário da Coleção Jorge de Moser*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura, 1971. Foi nesse mesmo ano publicada uma breve nota biográfica: GUERRA, Bivar – Jorge Hofacker de Moser. *Armas e Troféus* II-XII-1 (1971), p. 108.



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

coleção faziam parte 25 tomos de “Apontamentos genealógicos e heráldicos”, cuja consulta é hoje facilitada pela existência de um índice publicado por Lourenço Correia de Matos na revista *Armas e Troféus*²⁴. Da correspondência trocada entre o historiador da arte e o heraldista, pode inferir-se que partiram de uma lista de manifestações de azulejaria armoriada elaborada por Santos Simões, gradualmente completada por Jorge de Moser, que remetia ao primeiro as identificações e dados genealógicos e históricos frutos das suas investigações. E ambos foram, assim, criando uma verdadeira parceria de trabalho, de que foi resultando um conhecimento lato e aprofundado das manifestações heráldicas na azulejaria portuguesa.



Luiz Ferros - ©Manual Ferros

A cooperação assim formada veio a alargar-se com a captação de um terceiro elemento, o heraldista Luiz Ferros, integrado com o fito de auxiliar Jorge de Moser na vertente propriamente heráldica do trabalho. Juntos, estes três investigadores foram construindo um inventário cujos contornos se revelavam inéditos quer pela escolha do objecto de estudo, quer pela colaboração estreita que se estabeleceu entre o historiador da arte e os dois heraldistas. O espólio patenteia o trabalho integrado que esta equipa logrou estabelecer: uns passavam aos outros informações sobre exemplares, textos descritivos e identificativos, ou mesmo textos de alcance mais vasto, genéricos. As vantagens mútuas desta metodologia inovadora ficam à vista: o

²⁴ MATOS, Lourenço Correia de – Índices dos «Apontamentos genealógicos e heráldicos de Jorge de Moser». *Armas e Troféus* IX (2002-2003), pp. 513-591, com a produção bibliográfica a pp. 514-515.



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

historiador da arte beneficiava de um saber técnico por vezes rebarbativo, por via da sua terminologia demasiado peculiar e da sua bibliografia demasiado especializada; os heraldistas passavam a ter à sua disposição a inventariação, a contextualização dos exemplares e a vastidão do conhecimento erudito e analítico de Santos Simões.

Não será demasiado ousar pensar que, para além da resolução das questões pontuais de identificação e datação, naturalmente úteis para outras descrições azulejares, Santos Simões já nutrisse a ideia de incluir um capítulo de “Azulejos Brazonados” na sua programada *História do Azulejo em Portugal*, datada de 1957. Havia sem dúvida a intenção de se proceder à inventariação minuciosa de cada exemplar, levando tão longe quanto possível as ilações históricas e artísticas a retirar de cada manifestação heráldica.

Contudo, porventura em função da dinâmica criada entre os três investigadores e da magnitude dos resultados gradualmente obtidos, gerou-se a ideia de vir a formar uma obra autónoma que visasse a compreensão da heráldica contextualizada no âmbito geral da produção azulejar. Assim, tornou-se patente que o trabalho realizado deveria ter como escopo a edição de um *corpus* de azulejaria armoriada, em publicação autónoma: o plano da obra foi gizado e foi sendo preenchido. A par com este trabalho progressivo, Luiz Ferros encarregou-se de escrever uma sinopse sobre a heráldica portuguesa, que serviria de introito para se poder depois compreender a presença das manifestações heráldicas em azulejos. O fundo documental permite estabelecer de forma inequívoca que o objectivo inicial do projeto consistiria na publicação de uma obra monográfica pertencente às edições complementares do *Corpus*.

Circunstâncias variadas (que Luiz Ferros, na carta adiante citada, sintetizou deste modo: “motivos vários, saúde, disposição e outros afazeres”)



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

fizeram com que a obra não viesse a tomar forma final. As mortes de Jorge de Moser, em 1971, e de Santos Simões, no ano seguinte, invalidaram de vez a prossecução do projeto. Logo neste último ano, a 3 de Julho, Luiz Ferros dirigiu uma missiva a Artur Nobre de Gusmão, então diretor dos Serviços de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, em que expunha as condições em que o trabalho havia sido realizado e procurava indagar se, com base no espólio deixado por Santos Simões, continuava a existir vontade para editar o livro *Azulejaria Armoriada*. Luiz Ferros terminava a sua carta declarando que, caso o processo editorial não tivesse seguimento, ele se consideraria “liberto de qualquer compromisso moral com essa Fundação – digo compromisso moral porque material nunca o tive – e fico portanto livre para, se a oportunidade surgir, dar publicidade ao trabalho já feito e ao que está ainda por fazer, para que não sejam completamente perdidas as largas centenas de horas que consumimos quer na investigação, quer na elaboração dos diversos artigos já redigidos”.²⁵

A obra sobre *Azulejaria Armoriada* permaneceu de facto, até ao surgimento do projeto “DigiTile”, engavetada. Dos trabalhos produzidos por Jorge de Moser e Luiz Ferros, apenas temos notícia de um que, pelas suas características, poderia corresponder ao tal capítulo de sinopse sobre a heráldica em Portugal. Na sequência do que havia declarado na citada carta de 1972, Luiz Ferros veio com efeito a apresentar ao “XV Congreso Internacional de las Ciencias Genealógica y Heráldica”, reunido em Madrid em 1982, uma comunicação intitulada “Breve panorama da evolução da Heráldica de Família em Portugal (séculos XII-XX)”. Este texto, que é uma síntese bastante completa e inovadora em diversos sentidos, foi integrado nas atas

²⁵ Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Carta de Luís de Paiva Raposo Ferros ao professor Artur Nobre de Gusmão”, 3 Julho 1972. EMD001.127.



Miguel Metelo de SEIXAS, “Azulejaria Armoriada» de Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros: um projeto e uma colaboração pioneiros” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/117315/2010], Lisboa, 2015.

publicadas no ano seguinte²⁶. Trata-se de uma obra que mereceria uma reedição atual, considerando tanto a dificuldade em se aceder ao seu teor, como o manifesto interesse de que ainda hoje se reveste para os estudos da heráldica em Portugal.

Na verdade, porém, seria desejável ir além duma simples reedição. A conclusão do projeto “DigiTile” permitirá decerto o acesso em linha ao espólio de Santos Simões e, conseqüentemente, aos textos integrantes da obra sobre *Azulejaria Armoriada*. Contudo, tais textos foram inicialmente concebidos para serem completados por outros, de cariz heráldico, como porventura a sinopse entretanto publicada por Luiz Ferros de forma isolada. Ora, quando se considera o projecto de estudo da *Azulejaria Armoriada* gerado por Santos Simões, é de realçar o ineditismo da sua natureza, do seu propósito, da sua metodologia e da confluência de saberes especializados. Trata-se assim de um caso isolado – e exemplar – de colaboração entre historiadores da arte e heraldistas. Para prestar homenagem a tal esforço precursor, o ideal seria retomar o projeto inicial e, a partir do espólio agora disponibilizado, do texto publicado e de outros materiais que se viessem a descobrir em resultado de investigação documental, trabalhar para uma edição crítica da *Azulejaria Armoriada*. Assim se daria cumprimento a um projeto e a uma colaboração pioneiros em Portugal, protagonizados por Santos Simões, Jorge de Moser e Luiz Ferros.

²⁶ FERROS, Luís – Breve panorama da evolução da Heráldica de Família em Portugal (séculos XII-XX). In *Comunicaciones al XV Congreso Internacional de las Ciencias Genealógica y Heráldica*. Madrid: Instituto Salazar e Castro, 1983, tomo II, pp. 41-74.